



A Cadeira Viva

Este texto constitui uma adaptação de um conto tradicional japonês recuperado por Edogawa Rampo, pseudónimo de Hirai Tarō (1894 – 1965), pobremente traduzido para a língua de Camões, através da língua de Shakespeare, sob o título “A Cadeira Humana”. Esta reescrita é, pois, um tributo a esse mestre da literatura de contos do fantástico e do misterioso, esse Edgar Allan Poe do Oriente que convido os leitores a descobrir nas suas obras originais.

A Cadeira Viva

Afastou a cadeira, que deslizou nas rodas sob o impulso das suas pernas, e ergueu-se esticando lentamente o tronco, procurando suavizar a tensão acumulada durante as últimas horas de concentração. O cansaço vencera a jovem, quadro superior da empresa de representações, ao fim de uma longa jornada de trabalho. Era uma funcionária dedicada, inteligente e empenhada que colocava a máxima atenção em todas as tarefas que lhe cabiam. Assim, era natural e frequente soçobrar de cansaço.

Olhou para a superfície da secretária, agora num plano mais baixo, e reviu mentalmente o conteúdo temático de cada um dos *dossiers* ali cuidadosamente colocados e semicerrou os olhos apreciando, satisfeita, o resultado do trabalho que concluía.

O seu olhar parou no canto direito da secretária, fixando um caderno de folhas desalinhadas que destoava do resto dos conjuntos A4. Franziu a testa ao lembrar-se daquele escrito. Não pertencia ao rol do seu trabalho. Era uma missiva que recebera logo ao início do dia, coisa enviada por alguém que se dizia seu admirador.

Primeiro, fora bombardeada com poemas, agora este insistente admirador escrevera-lhe um romance, ou um conto, ou uma coisa do género. Ainda não tivera tempo nem curiosidade para espreitar o conteúdo.

A rápida sucessão das bâtegas de chuva contra a vidraça exterior do gabinete veio retirá-la do estado absorto que lhe fixara o olhar no título do maço de folhas presas por um ponto de agrafos: A CADEIRA VIVA. Respirou fundo, agarrou alguns objectos pessoais, o telemóvel, o estojo dos óculos e, hesitante, acabou por juntar o inusitado documento no interior da sacola. Desligou o computador e a luz do gabinete, empunhou a chave do automóvel e preparou-se para fintar a chuva numa corrida pelo parque de estacionamento. Por hoje, o dever estava cumprido. Saiu, rumo a casa.

“Linda menina...”

Elsa reflectiu por um momento. Talvez, afinal, fosse mais uma prosa poética. Logo depois deixou-se absorver pela singular narrativa que palavra a palavra a foi prendendo.

“Linda menina, espero que não desista de ler o que aqui escrevo e que, como já sabe, lhe é enviado por um admirador que profundamente a venera. O que aqui vai pode, talvez, chocá-la, mas estou determinado a confessar o acto horrível e doentio que cometi. Durante muitos meses escondi-me da luz do dia e do convívio com todos os seres, como um alienado, um proscrito, um marginal. Porém, recentemente senti esta imperiosa necessidade de revelar o meu terrível segredo. Tudo isto lhe parecerá estranho e lúgubre mas, peço-lhe que tenha paciência e leia até ao fim. Assim, compreenderá o fantástico artifício do meu espírito e a razão pela qual é a si que faço esta confissão, pois que mais ninguém no mundo conhece este segredo.

Sem saber bem por onde começar, tentarei expor os acontecimentos por ordem cronológica, tal como aconteceram. Em primeiro lugar deixe-me explicar que não sou um Adónis, bem pelo contrário, sempre me julguei um ser muito abaixo da média em matéria de beleza. Não esqueça este facto pois receio que, se e quando atender o meu derradeiro pedido, e quiser ver-me, fique chocada perante o meu aspecto, ao fim de tantos meses de uma vida doentia. No entanto peço-lhe que acredite que apesar deste aspecto tão pouco atraente, dentro de mim, no âmago do meu ser, arde um fogo eterno de uma paixão arrebatadora e pura!

E agora deixe-me explicar-lhe que sou, por ofício, um modesto artesão, fabricante de mobílias dos mais variados tipos. Tendo o meu trabalho atingido, desde há muito, um elevado nível de reconhecimento limitei-me a aceitar encomendas para móveis de luxo, com requintados pormenores de talha dos clientes mais exigentes. A recompensa maior do meu trabalho, recebo-a no enorme prazer de criar.

Poderei parecer um tanto presunçoso, ao dizer isto, mas penso que se trata de vaidade de artista que, julgo, de certa forma desculpável. Imagine-me sentado numa belíssima poltrona criada por mim, ou deitado numa magnífica cama de dossel, experimentando-a, e sentindo uma felicidade indescritível, apesar desta vida monocromática, sem qualquer alegria especial, que a minha humilde condição de marceneiro me confere.

Suponho que, seja a criar belas obras de arte, a pescar, a lavrar a terra, a fotografar ou a resolver intrincados problemas de gestão, em todas as situações é possível alcançar um grau de realização que nos satisfaça e nos dê uma sensação de harmonia e sintonia com o universo. E nesses momentos, em que descansava um pouco e dava asas à minha imaginação, visionava as diferentes pessoas que usariam as minhas peças de mobiliário: pessoas de alta condição social, vivendo em residências sumptuosas, com magníficos quadros decorando as paredes, caríssimos tapetes de proveniências exóticas e, destacando-se destas preciosidades, uma secretária especial, de mogno, criada por mim.

Envolvido nestes estranhos delírios até sentia que também eu pertencia a tais ambientes. Patéticos pensamentos estes, que me assaltavam em vertiginosa sucessão. Imagine, linda menina, a figura tola que eu fazia, confortavelmente sentado numa luxuosa cadeira fabricada por mim e fingindo que beijava a mão à jovem dos meus sonhos. Mas eram apenas sonhos e, de volta à

realidade, regressava à minha mísera condição. E a minha amada, esse ser divino que eu adorava, esfumava-se, desaparecendo como etérea neblina.

E sentia uma raiva tão profunda, por persistir nesta loucura. E assim se foi arrastando a minha miserável existência até um dia em que me encomendaram a execução de um cadeirão de braços, estofado a pele. Tratava-se de uma encomenda importante, para um gabinete de administração de um dos grandes Bancos do país.

Empenhado em justificar a minha reputação de excelente artífice dediquei-me de alma e coração à tarefa. Fiquei tão absorvido com este trabalho que, por vezes, me esquecia de comer e só me deitava quando o próprio organismo, já esgotado, a isso obrigava.

Não exagero, linda menina, se lhe disser que durante esse período aquela cadeira foi a minha própria vida e, cada cunha de madeira, cada passagem no torno, cada toque da plaina parecia sair de mim próprio, do meu corpo.

Quando, finalmente, terminei o meu trabalho senti um grau de satisfação que nunca antes experimentara pois tive a clara sensação de que me excedera, fora além das minhas capacidades.

Como habitualmente, sentei-me na cadeira para a experimentar. Que suavidade! Que supremo conforto! Nem muito duras, nem muito brandas, as almofadas adaptavam-se com incrível perfeição. E o cabedal, que macio era. A cadeira não só recebia quem nela se sentava, mas parecia abraçá-la ternamente. Deixei-me afundar no cadeirão e acariciei-lhe os braços suspirando de profunda satisfação.

Rapidamente, a minha imaginação levou o caminho habitual, desenhando os mais incríveis cenários e, de repente, um desses cenários atingiu-me brutalmente. Dada a sua natureza, por momentos perguntei-me se não estaria a enlouquecer. Era uma ideia sussurrada por uma entidade estranha, talvez o próprio demónio. E embora fosse uma ideia sinistra atraía-me de tal forma que não pude resistir. De início, esta louca ideia deve ter sido gerada pelo desejo de ficar com a cadeira para mim. Sabendo que tal não seria possível, pois tinha uma encomenda a cumprir e uma reputação a defender, logo comecei a pensar acompanhar a cadeira para onde quer que ela fosse. Continuando a alimentar essa ideia fantástica em breve decidi concretizar esse desejo, desse por onde desse.

Rapidamente desmontei a cadeira refazendo toda a arquitectura do interior, pois sendo enorme, com espaldar e braços de grandes dimensões, consegui criar espaço para nela caber um homem. Claro que se tratou de um trabalho complicado que obrigou a muitas alterações mas, usando toda a minha habilidade, consegui fazer de maneira que os joelhos ficassem sob o assento, e o tronco e a cabeça no interior do espaldar. Sentado assim, dentro da cadeira, um homem podia ficar perfeitamente escondido.

No dia seguinte, como que por mão do destino, que altera amiúde os planos mais rigorosos dos humanos, recebo uma mensagem do cliente que encomendara a cadeira. Já não se destinaria ao Banco, pois estes tinham desistido da nova decoração ainda que suportando parte do custo dos materiais encomendados à sua firma. Mas, o honesto comerciante comprometia-se a levantar a encomenda, e colocá-la-ia em exibição para venda, mesmo a um preço mais baixo. Então, com um pouco mais de tempo, pois tal facto dilatara o prazo da entrega em dois ou três dias, acrescentei alguns pormenores visando tornar mais cómoda a permanência de um homem no interior do cadeirão: um pequeno orifício para poder espreitar, uns espaços para armazenar uma garrafa de

água, uns chocolates e bolachas, um reservatório para prover às necessidades naturais. Quando acabei, o interior do cadeirão tornara-se numa coisa habitável, ainda que apenas por umas 48 horas seguidas, no máximo. Introduzi-me na cadeira e imagine, linda menina, a fantástica sensação que experimentei! Mergulhado naquela escuridão deixei de existir para os outros e para o mundo.

No dia e hora aprazados para a entrega introduzi-me no interior do cadeirão e aguardei, com a porta da loja aberta, que o cliente viesse buscar a encomenda, cumprindo as indicações que lhe dera, prevenindo que em caso de minha ausência podia levar o móvel. Não satisfeito com isso, ainda deixei um bilhete sobre o cadeirão, dizendo: Saí, estou perto mas muito ocupado! Queira por favor levantar o artigo, depois acertamos contas.

Não esperei muito pela chegada dos empregados do comerciante. Ouvi-os falar e, em breve, senti que se esforçavam para levar a magnífica peça de mobiliário, comigo no interior. Enquanto a carregavam o meu coração desatou a bater desordenadamente tal era a excitação. Depois, senti os solavancos do furgão que me transportou e ao fim de uma meia hora a cadeira foi depositada no chão de uma sala. Mais tarde percebi que não era uma sala, mas sim uma loja de móveis, ampla e luminosa.

Não tardou que não sentisse um corpo pesado sobre os meus joelhos, através da simples espessura do cabedal. Quase podia sentir o calor do corpo dele. Os seus ombros pesavam sobre o meu peito e os braços sobre os meus. Era o comerciante que, deliciado, dava largas à sua satisfação pela aquisição de semelhante peça de mobiliário. Imagine, menina, a minha estranha posição e todo o absurdo da situação. Verdadeiramente apavorado nem me atrevia a mexer um dedo. Depois, outras pessoas se sentaram na minha cadeira, ao longo desse dia. E nenhuma delas suspeitou do segredo escondido em tão singular assento.

Pouco a pouco fui substituindo os sentidos na percepção dos outros, aprendendo a distingui-los pelo tacto dos seus corpos macios e arredondados. E as diferenças estabeleciam-se: se eram mais gordos ou magros; na curvatura da coluna; no tamanho dos braços, e na largura das coxas. E descobri uma infinidade de diferenças entre cada um, como se estes aspectos constituíssem autênticas impressões digitais. E quanto às mulheres que, normalmente, classificamos entre feias ou belas, no interior do meu obscuro e reduzido mundo a beleza dos rostos era o menos importante, e em muito excedida pelas qualidades mais significativas das formas do corpo, do seu odor, e até do timbre e das emoções da voz.

Fastidioso seria, linda menina, descrever-lhe os dias seguintes que se estenderam até quase duas semanas, em que meio mundo se refastelou nos meus braços, e como descobrira a forma de me esgueirar ao fim do dia e voltar antes da aurora raiar, utilizando uma pequena porta de serviço nas traseiras da loja, que deixava encostada durante esse período nocturno em que regressava a casa para me alimentar e descansar convenientemente.

Ora, no seguimento da minha extraordinária peripécia, um dia entrou na loja uma jovem (e digo jovem porque ouvi os seus risos de alegria) que se sentou sobre mim e logo decidiu adquirir a magnífica cadeira. O meu coração pulou, em sobressalto, pois por muito saber que um dia a cadeira seria vendida, nunca estive preparado para tal mudança.

Nessa noite não saí da cadeira, mesmo percebendo, pela conversa entre o comerciante e a jovem cliente, que apenas no dia seguinte seria feita a entrega. E no dia seguinte, a meio da manhã,

lá voltaram os carregadores a transportar-me para novo destino, no meio de exclamações e improperios dirigidos ao peso do notável trono.

Chegada ao destino foi a cadeira colocada num vestíbulo, que em exploração realizada mais tarde, revelou situar-se mesmo ao lado do quarto da sua jovem proprietária.

Em breve senti a presença física da lindíssima e jovem senhora, sentada sobre mim, cantarolando e mexendo o corpo ao ritmo da melodia. E isto era tudo novidade para mim pois que sendo tão pouco atraente nunca me aproximara do sexo oposto. Mas de repente tive consciência de que me encontrava no mesmo quarto com uma bela jovem que nunca vira e cuja pele quase tocava a minha através da espessura do cabedal. E ela continuou agindo sem inibições, como o faria qualquer pessoa achando-se sozinha.

Encerrado no meu cubículo imaginei abraçá-la, beijar-lhe o pescoço, as mãos alvas de uma brancura de neve, se removesse a simples espessura do estofado. E foi esta experiência um tanto perversa, mas muito agradável, que me despertou uma profunda paixão pela doce e alegre menina.

Para alguém como eu, assim feio e falho de atractivos, era sem dúvida uma boa opção viver dentro de uma cadeira, pois só assim podia ouvir e sentir as mais lindas mulheres. Ao princípio pensara em explorar esta experiência apenas durante algum tempo mas agora sentia-me tão preso à minha nova condição que a fui adaptando para uma longa permanência. Nas minhas saídas nocturnas tomava enormes cuidados tentando evitar, ao máximo, ser descoberto. Durante a maior parte do dia ficava ali, escondido. À noite saía e exercitava os músculos empedernidos por tantas horas de posição delicada e estática.

E assim se passaram vários meses em que estive quase constantemente com a jovem senhora, unidos como se fôssemos um só. Com excepção das horas em que estava no trabalho, entre as nove e as dezasseis horas, o seu corpo macio, e muitas vezes nu, estava pousado sobre os meus joelhos. Nem pode, linda menina, imaginar até que ponto a amei. A prova do intenso amor que eu sentia por essa jovem e bela mulher, estava no facto de que desejava tê-la comigo a cada momento. Quando ela estava a trabalhar eu saía da cadeira, percorria a casa, por vezes até saía de casa e dava um salto à minha antiga moradia mas, esperava o seu regresso como um apaixonado Romeu espera a sua Julieta. Inevitavelmente, cheguei ao ponto de querer transmitir-lhe os meus sentimentos. Em vão, pois nunca encontrei a coragem necessária para tal. Nada podia fazer. Ai, e como eu desejava que ela retribuísse o meu amor! Sim, linda menina considere esta confissão como a de um louco pois eu estava loucamente apaixonado. Mas como lhe comunicar isso? Se me revelasse, o choque da descoberta levaria imediatamente à minha expulsão e, quem sabe, até podia ir preso.

Assim, resolvi investir de outra forma, procurando incrementar o conforto da cadeira de modo a despertar nela um verdadeiro amor pelo móvel. Empenhado neste desiderato, quando a sentia cansada movia muito lentamente os joelhos e aconchegava-a mais, e quando ela adormecia eu movia também as pernas, muito lentamente, para a embalar no sono. E parece ter resultado. A jovem parecia encantada com a cadeira pois de cada vez que se sentava aninhava-se como se nos braços do seu amante se entregasse. E quando se movia, sentada, eu percebia que ela sentia uma alegria especial. Num dia em que ela, desnudada, repousava nos meus braços, dormitando, o ardor da minha paixão levou-me a um estado em que se tornou impossível evitar um ousado apelo. Sentia

que se ela me olhasse, mesmo por breves instantes eu poderia morrer no mais profundo êxtase. Não resisti a tal imagem, e murmurei quase imperceptivelmente, a escasso centímetro do seu ouvido, o seu nome: “Elsa...” que ela logo interrompeu, soerguendo o tronco, apoiada na beira do assento, no limite dos meus joelhos e olhando fixamente para o espaldar. Afinal não dormitava, apenas fechara os olhos concentrando-se na música que soava ténue proveniente da aparelhagem da sala contígua.

Mas o silêncio total e a ausência de qualquer movimento acabaram por tranquilizá-la e atribuir à imaginação tal estranho sussurro. Recostou-se, de novo, confiante e tranquila.

Não duvido, linda menina, que chegado a este ponto da minha narrativa já tenha percebido quem é o objecto da minha paixão. Para o revelar claramente, a jovem que amo é você mesma. Desde que levou para sua casa a minha cadeira tenho sofrido esta avassaladora paixão por si.

Bem sei que incorri num acto condenável, desprezível. Mas agora só tenho uma súplica a dirigir-lhe. Pode encontrar-se comigo uma vez, apenas uma vez? Não lhe pedirei mais nada. Sei que não mereço a sua simpatia, que nada poderá sentir por mim que não seja desprezo. Mas se aceder a esta minha súplica, por compaixão apenas, a minha gratidão será eterna. Esperarei uma resposta sua”.

Mesmo antes dos parágrafos finais Elsa compreendera toda a trama e fugira do vestibulo, daquela cadeira onde estivera sentada. Tinha acabado a leitura e não se enganara, aquela cadeira em que se sentara dia após dia continha realmente um homem? Se era verdade, a que terrível experiência ela se submetera, ignorando-a.

E deste pensamento foi interrompida pelo toque do carteiro e pelo som do deslizar de uma carta no postigo de correio. Aproveitou, e correu rapidamente para a porta, buscando apoio. Ao chegar ao fundo da escadaria, debruçou-se num gesto automático, para recolher a carta do chão e os seus olhos detiveram-se na escrita do envelope: “PARA A LINDA MENINA QUE ADORO”.

Confusa, e indecisa entre abrir a porta, buscando auxílio no exterior, ou abrir o envelope proveniente da mesma origem da escrita das suas preocupações, encostou-se à porta, rasgou o envelope e leu a sucinta mensagem.

“Escrevo-lhe de novo, linda menina, reiterando a minha profunda veneração por si e pretendendo esclarecer que o texto que lhe enviei baseia-se na mais pura imaginação, e no conhecimento de que havia comprado recentemente uma cadeira com as características daquela descrita no texto que não é mais do que uma amostra das minhas humildes qualidades de escritor de ficção.

Com o mais profundo respeito e um olhar muito terno, que vos dirijo, subscrevo-me”.

F.

—